

Doutor Jorge Manuel Coutinho de Abreu¹

O Conselho Científico da minha Faculdade encarregou-me de discursar em elogio dos apresentantes dos novos Doutores.

Praxe académica muito antiga manda que o doutorando se faça acompanhar de um apresentante ou padrinho que, qual fiador, garanta perante a Universidade o propósito de o novo doutor honrar o grau que recebe.

Sobejas provas foram dadas já por quem hoje aqui recebe as insígnias doutorais. Sem necessidade, pois, de mais garantias. Contudo, sentir-se-ão reconfortados os novos doutores na companhia dos seus padrinhos. A leveza ritual destes actos não deixa de pesar nas emoções. E é sempre consolador termos alguém estreitamente solidário ao nosso lado.

Os apresentantes, porque apresentam, não precisariam de ser apresentados. Menos ainda quando se trata dos nossos queridos Colegas Jorge de Figueiredo Dias, António Avelãs Nunes e Rui Moura Ramos. Bastaria dizer os nomes. Cumpram-se, não obstante, as praxes.

Procurarei dar de cada um dos padrinhos alguns (poucos) retratos. Instantâneos. Utilizando máquina própria, mas com algumas lentes amavelmente emprestadas por colegas; preferindo as grandes-angulares, mas sem captar fundos excessivamente barrocos — isto pode ficar para a moldura (os nossos trajes, estes tectos).

Francisco Amaral, jusprivatista ilustre, enorme promotor do diálogo entre as culturas jurídicas portuguesa e brasileira, arquitecto de bela ponte ligando o seu grande Rio a esta urbe do Mondego, vem acompanhado por António Avelãs Nunes.

António Avelãs Nunes, homem rigoroso e exigente (de si e dos outros), efectivo na solidariedade e afectivo no dom, era um jovem e promissor jurista quando em finais dos anos 60 escolheu aprender Economia Política para ensiná-la aos juristas. Porém, como veremos, sem nunca desatar-se do direito.

Nas obras de Economia de Avelãs Nunes sobressaem os grandes enquadramentos, apresentados em discurso fluente e límpido, servido por retórica argumentativa poderosa. Enquadramentos sistémicos, teóricos, metodológicos.

¹ Elogio do Doutor Jorge Manuel Coutinho de Abreu, feito na cerimónia do Doutoramento *Honoris Causa* de Erik Jayme, Peter Hünerfeld e Francisco Amaral (2007), cerimónia em que coube ao Doutor Coutinho de Abreu o elogio dos padrinhos dos doutorandos, sendo António José Avelãs Nunes padrinho do Doutor Francisco Amaral.

A análise dos sistemas económicos cedo aparece. Lembramos *Do capitalismo e do socialismo* (1972) e *Os sistemas económicos* (1973, com várias reimpressões).

No primeiro, que reúne os textos da polémica de nível universitário entre o Nobel de Economia Ian Tinbergen e António Avelãs Nunes, discute-se fundamentalmente, numa perspectiva marxista, a caracterização dos sistemas capitalista e socialista e a tese da convergência entre um e outro.

No segundo livro, é retomado o mesmo objecto, mas a análise estende-se ainda aos diversos sistemas pré-capitalistas. E é emprestada ênfase às principais fases do capitalismo. Observações sobre manifestações recentes deste — estado e regulação económica, liberalização das trocas comerciais, globalização — vemo-las no texto actualizado em 2006. Devendo adiantar-se já que a compreensão da globalização actual (porquê, como, com que resultados?) aparece em outros textos (v. g., em *Neoliberalismo, Globalização e Desenvolvimento Económico*, de 2002).

Questões teóricas macroeconómicas tão importantes como as relativas ao monetarismo e estruturalismo, às estratégias de desenvolvimento, às teorias e políticas da inflação e do emprego são minuciosamente examinadas nas monografias *Industrialização e Desenvolvimento — A economia política do ‘modelo brasileiro de desenvolvimento’* (1983) e *O keynesianismo e a contra-revolução monetarista* (1991). A primeira (dissertação de doutoramento), traduzida em castelhano e editada em 1990 pelo prestigiado Fondo de Cultura Económica, apareceu recentemente (2005) também editada no Brasil, com prefácio do saudoso Celso Furtado. Que diz, a certo passo, acerca da monografia de Avelãs Nunes: “(...) firmou-se, no meu parecer, como a mais completa análise do complexo processo de superação do subdesenvolvimento, com ênfase especial no caso brasileiro”.

O confronto de duas perspectivas metodológicas fundamentais na Economia — a clássica-marxista e a subjectivista-marginalista — perpassa numerosos estudos do Doutor Avelãs Nunes e torna-se claro, por exemplo, em *Noção e Objecto da Economia Política* (1995). Nesta obra e em outras mais, o Autor rejeita o asséptico “cientismo”, a economia “pura”, inteiramente neutra perante juízos de valor e ideologias ou totalmente objectiva nos seus resultados.

Outra preocupação do Autor respeita à história da ciência e do pensamento económicos. À qual atribui inegável valor científico e pedagógico. Insiste nela, por isso, nas suas *Lições de Economia Política* (em várias edições copiografadas) aos alunos do 1.º ano de Direito.

O Doutor Avelãs Nunes não deixou de ser jurista nem de fazer obra jurídica. Recordo aqui tão-só *O direito de exclusão de sócios nas sociedades comerciais* (1968), estudo com que se iniciou nas lides da investigação universitária e que continua obra de referência, designadamente em Portugal e no Brasil, país onde foi reeditada em 2001 (a Livraria Almedina lançou em 2002 uma reimpressão desta tese, com prefácio do autor); *A garantia das nacionalizações e a delimitação dos sectores público e privado no contexto da constituição económica portuguesa* (1985) e *A Constituição europeia: A constitucionalização do neoliberalismo* (2005/2006) — estudos de notável desmontagem analítica e coerência argumentativa.

Para lá do ensino e da investigação, a dedicação de António Avelãs Nunes à Faculdade e à Universidade tem sido exemplar. Fez parte de todos os órgãos da nossa Escola. Foi Presidente do Conselho Pedagógico (1991-1996) e, entre Março de 1996 e Maio de 2000, Presidente do Conselho Directivo — um período de grande dinâmica restauradora e inovadora. Tem sido membro da Assembleia da Universidade e do Senado da Universidade. E é Vice-Reitor desde 2003.

De 1992 a 2000 coordenou a cooperação da nossa Escola com os PALOP, nomeadamente com a luandense Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto. A cooperação foi de tal modo rica, nas realizações e nos sentimentos, que esta Faculdade várias vezes tributou publicamente reconhecimento e homenagem significativos ao Doutor Avelãs Nunes.

Outro longe que Avelãs fez perto é o Brasil. Estudou-o profundamente primeiro, visitou-o pessoalmente depois. E nunca mais deixou de a ele rumar amiúde. Ora para proferir conferências ou ensinar em cursos variados, ora para participar na avaliação de cursos de pós-graduação, ora para comungar em tertúlias jurídico-culturais. Não espanta que tenha publicado aí uma quinzena de trabalhos. E não surpreendem os justos agradecimentos que daí vem recebendo: do Presidente da República Federativa do Brasil, das Faculdades de Direito das Universidades Federais do Paraná (Doutor *honoris causa*) e de Alagoas (Professor *honoris causa*), etc. O Brasil não é a segunda pátria do Doutor Avelãs; é a mátria.

Um último *flash*: Avelãs Nunes é militante do civismo crítico, é pessoa desassombrada. E quando nas sombras da Universidade o anti-universitário ocorre, é preciso não fazer de conta.

Disse o Doutor Castanheira Neves neste mesmo lugar há quase vinte e cinco anos: “Mestre é alguém que no mundo cultural e científico convoca e acolhe, convoca espiritualmente e acolhe humanamente — alguém que abre horizontes que chamam, porque mostra caminhos que entusiasma; alguém que se oferece em estimulante compreensão, porque é capaz de conceder generosa estima”.

Ora, Senhoras e Senhores, os Doutores Figueiredo Dias, Avelãs Nunes e Moura Ramos são Mestres nesse autêntico e nobre sentido. E têm discípulos, não clientes.